

A praga do convencimento

NILTON BONDER

Há poucos dias, o Papa João Paulo II tocou numa antiga ferida do mundo ocidental pedindo perdão pelos crimes cometidos "em nome de Deus". Nunca ficou tão politicamente claro o significado do Terceiro Mandamento, "Não tomarás o nome de teu Deus em vão". Em particular, foram lembrados os crimes cometidos a serviço da "verdade": intolerância e violência contra dissidentes, guerras religiosas; violência e abusos dos cruzados e os métodos cruéis utilizados pela Inquisição.

Não há dúvida da importância deste gesto na luta fundamental contra o desejo de "convencer" e "converter". A idéia que norteia nossa civilização ocidental é que para um lado ter razão, o outro tem que, necessariamente, estar errado.

Conta-se que um rabino foi certa vez consultado sobre um litígio. Uma das partes envolvidas apresentou seu caso e o rabino aquiesceu: "Você tem razão." A outra parte também apresentou sua argumentação e o rabino reconheceu: "Você também tem razão." Seu assistente, que o acompanhava atônito, questionou o mestre: "Isto é um litígio, como pode ser que este tem razão e aquele também tem?" O rabino concordou: "Você também tem razão."

Exige sabedoria resgatar o rabino da patética condição de alguém que concorda com qualquer argumentação, e compreender seu ensinamento acerca de uma "razão" que não é indivisível ou única.

Para nossa dificuldade, a realidade é sempre composta de vários certos. A democratização do "certo" é talvez

o mais importante ato de cidadania e de espiritualidade de nossos tempos.

Mais importante talvez do que a memória e o julgamento do passado seja a capacidade de identificar em nosso tempo as atitudes que ainda hoje representam as forças do convencimento.

Elas estão por toda parte, travestidas de intolerância. Proliferam hoje em todas as religiões as mais diversas formas de fundamentalismo, fazendo uso da linguagem do "convencimento" ou do "autoconvencimento".

Por mais de uma década, as tradições afro-brasileiras enfrentaram uma guerra religiosa declarada, orquestrada por algumas denominações evangélicas. O resultado, como num Brasil de índios catequizados, foi o abandono de origens e tradi-

ções por conta de outras que são "mais civilizadas", mais próximas da "verdade absoluta". Somos contemporâneos de organizações internacionais missionárias financiadas com a "missão" de evangelizar os judeus. Crescem no exterior e no Brasil cultos dissimulados de "judaicos" com o intuito de trazer judeus, em particular os desgarrados, para conhecer a "verdade" em pleno século XXI.

Talvez mais do que entre judeus, cristãos, muçulmanos ou outras tradições, o mundo no século XXI se divide entre os que "precisam convencer" e os que "não precisam convencer". São estas as duas religiões que dividem o Ocidente e o Meio Oriente.

Os que "precisam convencer" são aqueles que acreditam que a vida é uma caminhada que deve chegar a algum lugar onde suas vivências e seus

valores serão comparados às vivências e aos valores dos outros.

Os que "não precisam convencer" não percebem a vida como um mega-"vestibular". Não há primeiros colocados, nem sequer aprovados e reprovados por parâmetros externos e excludentes. Não há salvos e perdidos. Existe, sim, a possibilidade de não sofrer de desespero para todos os que vivam suas vidas com reverência, integridade e intensidade.

Há neste mundo os que "vivem e deixam viver" e há os que precisam afirmar suas certezas provando e apontando o "outro" como errado.

Um dia iremos concordar que só existe um parâmetro externo para definir o "certo" e o "errado". Certo é qualquer coisa que não queira vencer ou impor a vontade de um sobre o outro. Errado é a postura do convencimento. Tanto o convencido

quanto o que convence são perdedores.

O julgamento da vida se baseia em duas listas de acusação: as ocasiões em que fomos convencidos e as ocasiões em que convencemos. Nossa identidade e nosso senso de presença são experimentados quando não estamos nem na condição de convencidos ou de convencer. A própria alegria depende do quanto somos convencidos pelos outros e do quanto convencemos os outros. Quanto mais convencidos e convencemos, mais tristes e insatisfeitos nos tornamos; maior nosso senso de inadequação; maior nossa insegurança e maior o nosso medo.

O convencimento nos rouba a vitalidade fundamental de nossa própria raiz e nos faz dependentes do outro para definir a nós mesmos. O convencimento é uma inveja dissimulada. Hospedeiro do mal, ele se instala em todas as áreas estagnadas e alienadas de nossa vida e lá deposita suas larvas.

Podemos erradicar o "convencimento" do mundo com uma ação "sanitária" cuidadosa e organizada. Podemos nos educar a ponto de termos "tolerância zero" com a intolerância. E as tradições religiosas têm um importante papel a desempenhar neste sentido durante o século XXI.

O reconhecimento dos erros do passado é um importante passo e, sem dúvida, demonstra maturidade. Mas, ao mesmo tempo, aumenta a responsabilidade. Isto porque a História julgará a todos não por sua consciência do erro, mas por sua capacidade de evitar repeti-lo.

NILTON BONDER é escritor e Rabino da Congregação Judaica do Brasil.

